

Judite

Ferreira

Judite não é **um bom garfo**. Come apenas o indispensável. Mas, felizmente, não sofre de anorexia ou de bulimia. Na realidade, é raro ver-se pessoa tão magra assim.

Por isso, Judite é uma rapariga que suporta mal o frio. Nos meses mais frios do ano cobre-se dos pés à cabeça com roupas quentinhas. De noite, cobre-se com edredões sem conta. Costuma dizer que o **frio lhe penetra na carne e lhe gela os ossos**.



– Minha querida, **pareces um monte de ossos**. – diz-lhe frequentes vezes a mãe.

Naquele dia, Judite está convidada para uma festa de aniversário. Demora imenso tempo nos seus arranjos pessoais. Quando chega à casa da amiga, apercebe-se que a festa já **ia alta**. Pensa em regressar de imediato a casa. Controla-se a tempo, compõe uma cara de animação e junta-se à festa. A desfeita, no entanto, cai-lhe mal, como se um **osso ficasse atravessado na garganta**.

Entre os presentes descobre Antão, um amigo dos tempos da escola primária. Está ele ali, **em carne e osso**, ele mesmo! Envolvem-se num abraço apertado. Alguém mais tarde há-de comentar que os **ossos de Judite chocalharam**, apesar da imensa quantidade de roupa que ela usava.



Conversam, petiscam e recordam cenas antigas dum passado que não se esquece, principalmente quando as pessoas se querem bem.



- *Estás magoado? – exclama Judite, apontando para a tala que cobria o braço de Antão.*
- *Na semana passada cai, quando treinava para o campeonato de hóquei. São ossos do ofício – responde Antão.*
- *Calculo que regressas em breve aos jogos. Pelo que conheço de ti, és um osso duro de roer – retrucou Judite.*

O ambiente da casa começa a aquecer com o ambiente de festa. Num dos recantos da sala de jantar, um ruidoso grupo de convivas acompanha pela televisão um animado jogo de futebol. No ecrã, atletas atiram-se com ganas a um esférico, como sete cães a um osso, na expressão pouco feliz de um dos presentes.



Judite e Antão não se juntam ao grupo, antes continuam a sua ansiada conversa.

- *Conta-me coisas da tua família – pede Judite.*
- *O meu pai tem andado bastante doente, pelo que se quer reformar da fábrica. Costuma dizer que **boi velho lavra com os ossos**. Ou seja, o trabalho que faz já não lhe sai bem.*



- *Não é verdade, pois não?*
- *Sabes os velhotes gostam de dizer estas coisas. Mas, continua bem disposto e sobretudo muito crítico. Costuma dizer **que a sua língua não tem ossos**.*



A amena cavaqueira foi interrompida, quando alguém veio propor que se cantasse «Parabéns a vocês». Já então fazia um calor impressionante. Ai Judite decide-se a retirar o sobretudo que mantinha vestido, desde que saíra de casa.

Feitas as despedidas, Judite e Antão são os últimos a abandonar a casa. Propõem-se comemorar o reencontro num bar próximo.